

TECLADO COMO INSTRUMENTO MUSICALIZADOR PARA CRIANÇAS DE 2 A 5 ANOS E PSICOMOTRICIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Comunicação

Michelly da Penha Oliva Dos Santos
Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira” (Fames)
michellypenha@gmail.com

Murilo Ferreira Velho de Arruda
Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira” (Fames)
murilo.arruda@fames.es.gov.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre o uso do teclado como instrumento musicalizador para crianças de 2 a 5 anos, visando contribuir para o desenvolvimento da motricidade fina. Após o período de isolamento social ocorrido devido à pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), professoras regentes de uma escola da rede privada e uma professora de música (também autora do trabalho) identificaram uma dificuldade em habilidades psicomotoras de alguns alunos da educação infantil em relação à maioria, dentre elas a pressão fina e movimento alternado dos dedos. Com essa lacuna no desenvolvimento dos alunos, foi elaborado um plano de intervenção na musicalização utilizando práticas lúdicas centradas na aprendizagem do teclado. As experiências sobre as quais iremos tratar aconteceram entre 2020 e 2022, nos municípios de Vitória, Serra e Vila Velha, Espírito Santo, iniciando com as aulas escolares de música e posteriormente o ensino individual para sete alunos da educação infantil. O trabalho consistiu em um relato de experiência sobre a prática como educadora musical e a aprendizagem de estudantes da educação infantil, relacionando com a bibliografia especializada em temas como psicomotricidade, ludicidade e musicalização. Como considerações, apontamos os desenvolvimentos técnico-musicais e psicomotores a partir do uso teclado, as potencialidades deste instrumento, bem como os recursos pedagógicos associados ao processo de musicalização empreendidos nesta experiência com crianças de 2 a 5 anos.

Palavras-chave: Psicomotricidade. Educação musical. Educação Infantil. Teclado. Musicalização.

Introdução

As experiências sobre as quais iremos refletir aconteceram entre 2020 e 2022, nas cidades de Vitória, Serra e Vila Velha (estado do Espírito Santo) em aulas particulares de

musicalização para crianças de 2 a 5 anos, mais especificamente nos momentos da musicalização com teclado. O foco deste relato será nos aprendizados, desenvolvimentos psicomotores, justificativas e propostas pedagógico-musicais desenvolvidas a partir destas práticas educativas.

O trabalho consistiu em um relato de experiência no qual buscamos refletir sobre as potencialidades do uso do teclado como instrumento musicalizador para crianças de 2 a 5 anos, visando contribuir com o desenvolvimento da motricidade fina. Refletiremos sobre a prática como educadora musical e a aprendizagem de crianças muito pequenas¹, a fim de, sobretudo, melhorá-la. Como afirma Contreras (2016) "Mediante relatos de experiência indagamos o que foi vivido, buscando luz para perceber com mais amplitude e nos orientarmos melhor no caminho da educação" (p. 16, tradução nossa). Compreendemos que a amplitude que nos orienta nos caminhos da educação vem também da experiência, mas é perpassada pela formação acadêmica e cultural, além de outras influências externas. Começaremos tratando de conceitos relacionados com a experiência, tais como musicalização, psicomotricidade e ludicidade, para então apresentar algumas vivências pessoais e reflexões que ajudarão o(a) leitor(a) a contextualizar a pessoa que narra a experiência.

Musicalização, psicomotricidade e ludicidade

Nesse tópico abordaremos conceitos que foram recorrentes na construção deste relato. Musicalização e ludicidade se relacionam à prática educativa sobre a qual refletiremos e a psicomotricidade foi o tema de interesse a partir da demanda observada em alunos no momento de retorno do isolamento social.

Na perspectiva de Penna (2012), a música é uma forma ancestral de expressão. Em seu processo histórico, parte da humanidade a situa como uma linguagem artística sistematizada tendo o som como matéria prima, sendo consolidada conforme cada cultura. Desse modo, a música tanto reproduz quando produz estruturas construídas socialmente e a

¹ Os termos utilizados na Base Nacional Comum Curricular são: bebês (0 a 1 ano e 6 meses), crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses).

musicalização é o processo educacional orientado pelo qual o indivíduo torna-se sensível a ela a partir de suas vivências, percepções e cultura.

Quando falamos de musicalização, pensamos em uma grande variedade de processos de construção do saber musical. Concordamos com a definição de Penna (2012) entendendo-a como um processo educacional orientado que, através de uma participação ampla na cultura social, promove o desenvolvimento de percepções, expressões e reflexões necessárias à compreensão da linguagem musical, de maneira que o indivíduo seja capaz de se relacionar criticamente com as diversas manifestações musicais acessíveis em seu ambiente, tendo como objetivo final o desenvolvimento pleno do aluno.

Para Penna (2012), a realidade, experiência e vivência do aluno não devem ser negadas. Precisa ser o primeiro ponto da ação musicalizadora, seguida de uma abordagem crítica que conduza aluno ao entendimento de suas habilidades, potencialidades e limites. Cabe também à musicalização conduzir o aluno a externar-se de forma criativa por meio de elementos sonoros. Por fim, compreendemos com Penna (2012) que a musicalização é um processo que abrange a toda gente, não apenas às crianças. Da mesma forma, a lucididade.

A palavra “lúdico” abrange uma riqueza de acepções, Santo Agostinho referia-se ao lúdico como ensino superior no sentido de ser o motor da nossa curiosidade pelo mundo e pela vida (BEMVENUTI, 2012). Lopes (2005) afirma ser uma praxe comum da natureza humana que se manifesta de diversas formas, como, por exemplo, em jogos e brincadeiras. Kishimoto (2017) associa a ludicidade na educação com o brincar que alicerça a relação da criança com o meio, utilizando uma locução simbólica baseada em suas vivências e experiências, sendo assim um assunto relevante que transporta desafios na aplicação efetiva da escuta da criança.

Para compreensão da ludicidade, concluímos que trata-se de uma linguagem simbólica funcional, original e singular do ser humano que proporciona um movimento através do encantamento, estabelecendo relações entre o indivíduo e o conhecimento.

O próximo conceito, a saber, psicomotricidade, foi surgindo a partir da observação e reflexão sobre a prática docente após o retorno das aulas presenciais, ainda durante a pandemia de coronavírus. Percebendo as dificuldades psicomotoras de muitas crianças em



comparação com os anos anteriores à pandemia, o estudo do tema se tornou um interesse e necessidade para compreender a situação e melhorar nossa atuação docente.

Segundo Louro (2019) a psicomotricidade é o aprimoramento físico das habilidades neuro, psico-afetivo funcionais, conforme as leis de maturação e desenvolvimento, exteriorizadas pela extensão simbólica específica, natural e singular do ser humano. Costa (2002) atribui ao termo a ideia de um sujeito unificado, em que as interações cognitivas, motoras e psíquicas resultam na habilidade do sujeito expressar-se através do movimento, proporcionando a integração deste com o mundo. Já Fonseca (2012) refere-se à psicomotricidade como a integração superior da motricidade, resultado de uma relação acessível entre a criança e o meio que, por meio da cognição, se configura e materializa-se.

Portanto, pode-se concluir que psicomotricidade é o conceito aplicado às capacidades unificadas intrínsecas do ser humano, que compreendem as relações psicoafetivas operacionais, conforme suas vivências, para a execução de movimentos ordenados, favorecendo a integração do sujeito em seu meio.

Partilha e reflexão sobre a experiência

A prática pedagógica que tenho² desenvolvido como educadora musical é resultado de vivências musicais sistemáticas, assistemáticas e informais (PENNA, 2012) ao longo da minha vida. Trabalho há 22 anos no ensino de teclas para iniciantes e tenho me dedicado nos últimos quatro anos à musicalização para educação infantil. Tive contato com a música e a pedagogia em casa: meu pai tocava violão e minha mãe era professora na educação infantil. Ambos acabavam me envolvendo em suas práticas musicais. Lembro-me de me encantar com o som do violão e com a diversidade de cores das artes visuais. Mais tarde tive contato com o som do piano e aos poucos fui descobrindo minha paixão pela música.

Ao longo da minha adolescência fui apresentada, através da igreja a uma diversidade de instrumentos musicais. Comecei a estudar música de forma mais intensa, fazendo aulas de piano e participando de grupos musicais na igreja. Foi nesse período que comecei a me interessar também pela educação musical, posteriormente trabalhando com o

2 Por se tratar de uma experiência pessoal, singular e intransferível esta seção do artigo foi realizada em primeira pessoa do singular, se referindo à experiência de Michelly.



ensino de música através das teclas e percussão para iniciantes de 6 a 12 anos, percebendo como a música poderia ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento humano.

Já adulta, decidi cursar Licenciatura em Música pela Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira” (Fames) para me aprofundar nos estudos sobre a música e suas aplicações na educação. Durante a faculdade, participei como monitora na musicalização, como professora em um projeto de ensinos de Teclas para iniciantes e fui incentivada pela professora e na época coordenadora do setor de musicalização, Anna Claudia Vidigal, a dar aulas de musicalização em escolas na educação infantil.

Em 2020, com a indicação desta professora, comecei a trabalhar em uma creche particular no município de Vila Velha - ES, com crianças de 2 a 5 anos, e, por indicação da diretora desta creche, ingressei em outras escolas privadas, incluindo as de Ensino Fundamental. Em poucos meses estava com cinco turmas no projeto social, vinte e oito turmas na educação infantil e seis no Ensino Fundamental, totalizando aproximadamente quinhentos e vinte e cinco crianças.

Com a pandemia veio o fechamento das escolas. Os profissionais da educação iniciaram suas propostas e discussões buscando dar continuidade ao trabalho desenvolvido. As escolas em que eu atuava, localizadas nos municípios de Vila Velha, Serra e Vitória (estado do Espírito Santo), optaram pelo ensino remoto de música, primeiramente enviando gravações de vídeos e depois com as aulas síncronas.

As aulas remotas das turmas da educação infantil eram realizadas por meio de plataformas, uma vez por semana, com duração de vinte e cinco minutos. Encarei como um grande desafio ensinar diante das telas, gerando uma necessidade de desenvolver práticas efetivas que interagissem com as crianças de uma forma envolvente. Participei de capacitações no formato online nas quais aprendi diversas práticas lúdicas que conduzi com as crianças.

Nesse período, o trabalho musical com a educação infantil foi feito de diversas formas: construí e distribuí kits de percussão para as turmas com aulas síncronas; trabalhei especialmente com a parte rítmica contemplando a coordenação motora; possibilidades de exploração sonora de objetos da casa das crianças; nomes e alturas das notas musicais; canto e percussão corporal. Tivemos dificuldades em relação à efetiva participação dos



alunos devido à não obrigatoriedade da etapa pré-escolar, à falta de suporte ou desatenção no acompanhamento das crianças pelo responsável.

Em idas e vindas em relação ao retorno presencial, em abril de 2021, houve uma volta presencial mais definitiva ao espaço escolar, especialmente nas instituições privadas, e as crianças retomaram às aulas de musicalização nessa modalidade.

No segundo semestre de 2021 propus, durante uma aula para a turma do Jardim I, a seguinte atividade: a criança colocava uma touca de coelho com orelhas compridas que levantavam graças ao sistema de ar, uma espécie de bexiga ligada a uma mangueira coberta de tecido que se estendia até a altura das mãos que continha uma bombinha manual para cada mão. Quando a bombinha era pressionada pelos dedos da criança, as orelhas levantavam e, conforme as orelhas levantavam e mexiam, as outras crianças que estavam na sala produziam som conforme as orelhas se moviam fazendo estátua quando as orelhas paravam de mexer. Assim como Kishimoto (2017) afirma, o lúdico pode ser a alavanca que impulsiona, através do desafio, o processo de descoberta da criança promovendo aprendizagem sobre si mesma e sobre o meio.

Durante a proposta, uma criança de 4 anos não conseguiu pressionar a bomba de ar para levantar as orelhas do coelho usando apenas uma mão como os outros alunos da turma. Conversei com a professora regente sobre o ocorrido e sobre o histórico da criança, quando fui informada que ela estava com dificuldades em manipular tesoura e fazer o movimento de pinça, ações que seus colegas de sala já executavam. Com a mesma atividade percebi que outras duas crianças de outra escola estavam com a mesma dificuldade.

A partir do ocorrido tive um olhar mais atento aos movimentos de dedo dos alunos. Me pareceu que crianças que não frequentaram as aulas online e as crianças que haviam iniciado naquele ano sua vida pré-escolar apresentaram maior dificuldade no desenvolvimento das habilidades psicomotoras. Para que a criança aprenda a apropriar-se de meios externos, sinais, a fim de ordenar melhor seu comportamento é necessário a maturação do cérebro, processo construído a partir da influência do meio (FONSECA, 2012).

Nestes três casos citados, mais sérios, poucos conseguiam movimentar bem os dedos. O gesto de “não”, por exemplo, era feito movimentando todo o braço e não com o balançar do dedo indicador. Os outros casos, menos graves, apresentavam dificuldade na



pressão fina dos dedos que, de acordo com Fonseca (2008), começa a se desenvolver a partir dos 2 anos de idade.

Comecei a pensar em estratégias para o melhoramento dessas habilidades juntamente com as professoras regentes. Então veio a ideia de trabalhar com brinquedos de borracha para pet (com elemento sonoro). Entretanto, nas primeiras aulas, devido à pouca coordenação dos músculos flexores (e outros, mas, especialmente estes) nos dedos, eles não conseguiam apertar bichinhos para produzir os sons e se frustraram pressionando-os contra o chão utilizando o peso do corpo.

Aqui começou um novo desafio: qual seria um bom instrumento musical para poder trabalhar esse desenvolvimento psicomotor dos alunos? Foi neste momento que pensei no teclado, um instrumento que trabalha a psicomotricidade principalmente nos dedos, que era onde estava a maior dificuldade. E assim comecei a montar os planos de intervenção centralizando no teclado como instrumento musicalizador.

As aulas eram iniciadas com um repertório infantil específico para trabalhar a motricidade fina e, enquanto eu cantava e gesticulava, os alunos imitavam os gestos. Para crianças muito pequenas, as abordagens devem priorizar o lúdico de forma que não haja difusão da atenção, tornando a imitação o recurso mais utilizado (FONSECA, 2012).

No segundo momento da aula os alunos receberam folhas impressas contendo duas oitavas de um teclado com cada nota pintada de uma cor: *dó-vermelho*, *ré-laranja*, *mi-amarelo*, *fá-verde*, *sol-azul claro*, *lá-azul escuro* e *si-roxo*. Entreguei bolinhas de pelúcia com as cores das notas e organizei os sinos musicais sequencialmente de *dó* a *dó*. Quando a criança colocava a bolinha de pelúcia em cima da nota correspondente, verbalizava o nome da cor e o nome da nota, posteriormente tocando o respectivo sino.

Organizei a linha melódica da música “Brilha Brilha Estrelinha” com blocos de montar coloridos (seguindo a mesma sequência de cores) e fui indicando as notas a serem tocadas. Conforme eu colocava o dedo sobre o bloco, as crianças apontavam com o dedo a nota na folha. Para finalizar a aula apresentei às crianças o teclado (com as teclas pintadas conforme as cores do teclado de papel) e em grupo de três, os alunos sentavam-se próximo ao teclado para pressionar as teclas pintadas de acordo com os blocos.



Com as crianças de três anos, houve uma grande dificuldade em utilizar os blocos para a atividade descrita anteriormente, pois alguns queriam brincar com os blocos e outros não queriam esperar sua vez para tocar no teclado. Já com as crianças de 2 anos, achei inviável a introdução do teclado na aula coletiva. Pensando nesta problemática, foi introduzida, durante as aulas individuais de musicalização, o ensino de teclas.

As aulas individuais, especificamente com o teclado como instrumento musicalizador, foram realizadas com sete alunos. Estas ocorriam duas vezes na semana com duração de trinta minutos cada e sua abordagem era ainda mais lúdica para alcançar o objetivo musical e psicomotor, considerando o trabalho individualizado, sem outras crianças para interagir ou requisitar a atenção da professora.

Quadro 1: Alunos participantes das aulas individuais de musicalização

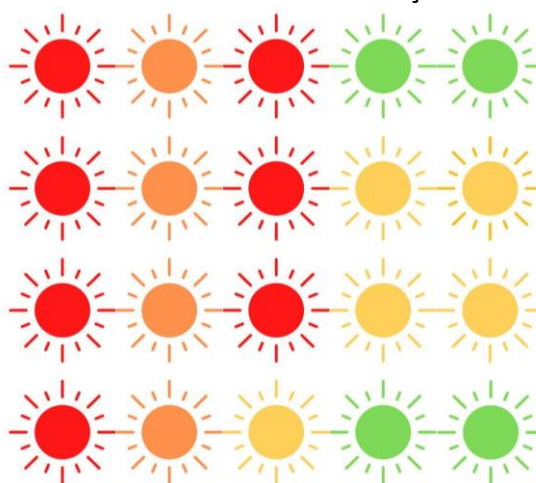
| Nome fictício | Idade (2021) | Dificuldade identificada |
|----------------------|---------------------|--|
| João | 4 anos | Manipular a tesoura, em movimentar os dedos alternadamente, e na pressão fina. |
| Roberto | 4 anos | Manipular a tesoura, em movimentar os dedos alternadamente, e na pressão fina. |
| Helena | 3 anos | Movimentar somente os dedos e em manipular a tesoura. |
| Matheus | 2 anos e 8 meses | Movimentar os dedos alternadamente e na pressão fina. |
| Sophia | 2 anos e 6 meses | Movimentar os dedos alternadamente e na pressão fina. |
| Luciano | 2 anos e 7 meses | Movimentar apenas os dedos e na pressão fina. |
| Pedro | 2 anos e 7 meses | Movimentar os dedos e na pressão fina. |

Na primeira semana de aula, a seguinte proposta foi apresentada às crianças: “Cadê o *dó* do meu teclado?”. Com um pincel vermelho para quadro branco, o aluno pintava no teclado a nota *dó* conforme havia conhecido na aula em grupo. Para aqueles que ainda não apresentavam habilidades motoras para manejar o pincel optei por indicarem o *dó* com as bolinhas de pelúcia vermelhas. Em seguida, pressionar a tecla *dó* usando apenas o dedo indicador.

Pedro, Matheus, Sophia e Helena se recusaram a usar apenas uma tecla por vez no teclado. Queriam tocar de forma livre, batendo no teclado, enquanto Pedro, Matheus e Helena com a mão fechada e Sophia com a palma da mão. Luciano conseguiu executar a proposta pressionando o indicador sobre a nota conforme indicado.

Aos alunos João e Roberto foi proposto o uso da mão aberta utilizando o polegar e o indicador para pressionar as teclas, porém eles mantinham as mãos fechadas usando apenas o dedo polegar.

Figura 1: Partitura não-convencional da canção “Borboletinha”



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Com dois meses de aula elaborei uma partitura não convencional da canção “Borboletinha”, com desenhos coloridos feitos à mão (Figura 01), seguindo o mesmo sistema de representação de notas por cores que utilizei com os sinos. Cada símbolo representava uma figura rítmica – o símbolo “sol” corresponde à semínima – e cada cor representa as notas musicais – vermelho seria a nota *dó*, laranja a nota *ré*, amarelo a nota *mi* e verde a nota *fá*. A rítmica da canção foi simplificada para alcançar os objetivos relativos a localizar as

notas no teclado e posicionamento das mãos e dedos nas teclas. Também pinte os dedos das crianças conforme as notas utilizadas em cada música.

Pedro, Matheus, Luciano, Sophia e Helena conseguiram seguir o ritmo da canção, que apenas continham semínimas, em andamento muito lento, usando as mãos abertas e os dedos polegares da mão, duas mãos e os dedos indicadores e médios da mão direita.

João e Roberto conseguiram tocar a canção com mais facilidade, começando a posicionar as mãos em formato de concha sobre o teclado.

Como tive uma boa resposta das crianças que chegavam a pedir partitura com as figuras, comecei a transcrever outras canções com figuras e cores para auxiliar a prática.

Em cinco meses de aula, Pedro, Matheus, Sophia, Luciano, Helena, João e Roberto apresentaram bom desenvolvimento psicomotor. Já sinalizavam o gesto do “não” com o dedo, e movimentavam todos os dedos mantendo a mão parada. João, Roberto e Helena melhoraram a pressão fina e conseguiram pressionar os bichinhos sonoros de forma que emitissem sons.

No ensino das teclas Pedro, Matheus, Sophia começaram a tocar, através da leitura relativa com o auxílio da professora, três canções curtas infantis seguindo uma pulsação bem lenta, tocando tecla por tecla, alternando os dedos da mão direita e usando o polegar na esquerda, mas ainda usam a peso do braço para tocar com o quarto e quinto dedo. Luciano apresentou maior afinidade com o teclado, alternando todos os dedos da mão direita e usando o polegar da esquerda, tocou três canções em andamento lento sem precisar de auxílio indicando a localização das notas na apostila.

Helena estava tocando uma canção através da leitura relativa com o auxílio da professora, porém apresentou resistência em continuar tocar o teclado, se negando a tocar quando foi introduzida a mão esquerda no instrumento. Após três aulas de resistência da aluna, optei por pausar por um tempo as práticas com o teclado, trabalhando com a aluna apenas as práticas percussivas.

Roberto e João começaram a realizar a posição de concha com as mãos ao tocar o teclado, já tocavam cinco músicas (Brilha Brilha Estrelinha, Cai Cai Balão, Meus Dedinhos, Ode a Alegria - trecho da 9ª Sinfonia de Beethoven, Borboletinha) seguindo um andamento moderado.



Ao término do sétimo mês, Pedro, Matheus, Sophia e Luciano, reconheciam no teclado, sem o auxílio das cores as notas *dó, ré, mi, fá* e *sol*, a partir do *dó* central e tocavam um repertório melódico com as cinco canções curtas do cancionero infantil.

João e Roberto reconheciam toda a oitava central do teclado, os sons graves médios e agudos, as cores referentes às notas, as figuras da mínima e semínimas tocavam um repertório melódico ampliado.

Realizei um recital interno com as crianças se apresentando individualmente para seus colegas de classe. Luciano, Roberto e João tocaram sozinhos, cada um uma canção. Pedro e Matheus, tocaram com meu auxílio. Fui guiando as notas da partitura não convencional para eles não se perderem. Já Sophia não quis se apresentar para os colegas. Aparentava estar bastante envergonhada e, ao conversar com sua mãe, decidimos que seria melhor que apenas assistisse ao recital para se ir se familiarizando com a situação, preparando-a para apresentar-se futuramente.

Ainda que o desenvolvimento psicomotor tenha sido satisfatório com os demais participantes, as crianças das aulas individuais tiveram desenvolvimento significativo, conseguindo realizar o movimento de pinça e movendo os dedos alternadamente. A escassez de métodos para essa faixa etária, da prática diária no teclado e de um espaço adequado para as aulas, sem excesso de estímulos, contendo cadeira e suporte de teclado proporcionais à altura da criança, dificultaram o processo, afetando os resultados.

Considerações Finais

Quanto aos resultados obtidos nas aulas individuais de musicalização com teclado, em sete meses, as crianças apresentaram considerável desenvolvimento psicomotor, conseguindo melhorar a pressão fina, movimentar os dedos alternadamente, realizar gestos como “não” movimentando apenas o dedo indicador e manipular uma tesoura.

Em relação ao conteúdo musical, os participantes das aulas aprenderam a reconhecer sons graves e agudos, identificar andamento lento e rápido, localizar no teclado as sete notas naturais, reproduzir a duração do som da mínima e semínima e a tocar cinco canções (Brilha brilha estrelinha, Cai cai balão, Meus dedinhos, Ode a alegria - trecho da 9ª Sinfonia de Beethoven, Borboletinha) usando a partitura não convencional.

Refletindo sobre os fatos vivenciados durante todo o processo de musicalização destacado neste relato de experiência, pudemos evidenciar, como o recurso lúdico, as cores e elementos que fazem parte do cotidiano das crianças pode promover uma interlocução entre o educador e a criança, contribuindo para aprendizagem de conteúdos musicais e desenvolvimento da psicomotricidade.

Compreendemos que a aprendizagem de teclas para crianças bem pequenas abrange um leque de possibilidades em educação musical que podem mediar o desenvolvimento das *funções superiores* (FONSECA, 2008), ao mesmo tempo que a aprendizagem do instrumento musical, alargando as praxias finas, é beneficiado com a maturação de tais operações.

Apesar das potencialidades do teclado como instrumento musicalizador, tais como sua considerável portabilidade, som ser resultante de um acionamento mecânico, possibilidades de trabalho percussivo, melódico e harmônico; e disposição visual das notas; é comum ouvir afirmações sobre uma “idade ideal” para seu uso (geralmente próximo aos seis anos). Talvez este seja um dos motivos pelos quais observamos também uma escassez de materiais didáticos e descritivos-reflexivos voltados para o ensino das teclas às crianças entre 2 e 5 anos, levantando a questão da necessidade de mais estudos sobre o tema.



Referências

BENVENUTI, Alice; SANTAIANA, Rochele da S.; FUHRMANN, Lucrécia Raquel; BRAZIL, Fábio; SILVEIRA, Márcia C.; BENVENUTI, Abel; MARQUES, Isabel; HOFMANN, Angela Ariadne. *O lúdico na prática pedagógica*. Curitiba: Intersaberes, 2013.

CONTRERAS, José. *Relatos de experiencia: en buca de un saber pedagógico*. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica*, Salvador, v. 01, n. 01, p. 14-30, jan./abr. 2016.

COSTA, Auredite C.. *Psicopedagogia e psicomotricidade: Pontos de intersecção nas dificuldades de aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 2002.

FONSECA, Vítor. *Manual de observação psicomotora: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores*. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

FONSECA, Vítor. *Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko M. *Apostila Projeto Brincar*, São Paulo: Associação Nova Escola, v. 1, 2017. Disponível em: <https://fundacaogrupovw.org.br/materiais-educativos/brincar-propostas-de-reflexao-sobre-brincadeiras-e-praticas-inclusivas-para-professores-de-educacao-infantil/>. Acesso em: 22 maio 2023.

LOPES, Maria Conceição O. *Ludicity: a theoretical term*. *Sixth Annual Convention of Media Ecology Association*. New York: Fordham University, Lincoln Centre Campus. 2005.

LOURO, Viviane. *Conceitos de psicomotricidade e o ensino de música*. *Revista Música na Educação Básica*, V. 9, n. 10/11, 2019.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

